

"Um terror na capital no país"**» ENTREVISTA | RICARDO VIANA | DELEGADO-CHEFE DA 6ª DP (PARANOÁ)**

Ao *CB.Poder*, o responsável pela investigação que solucionou a chacina de dez pessoas da família da cabeleireira Elizamar da Silva afirmou que segue a apuração de evidências que ainda não foram examinadas, como saques de contas bancárias

Polícia pode abrir novo inquérito

» CARLOS SILVA*

A investigação da chacina da família da cabeleireira Elizamar da Silva, que vitimou dez pessoas e chocou o país, foi tema do *CB.Poder* — parceria entre Correio e TV Brasília. Em entrevista à jornalista Darcianne Diogo, o delegado-chefe da 6ª Delegacia

de Polícia (Paranoá), Ricardo Viana, responsável pela investigação, não descartou a abertura de outro inquérito, se surgirem mais evidências. "Caso apareçam novas pessoas, nós podemos relatar ao Ministério Público, que pode editar denúncia, ou nós instauramos um novo inquérito para apurar novas condutas", afirmou.

O que se pôde comprovar em relação à motivação verdadeira dessa chacina?

A investigação deixou muito clara que era uma associação criminosa qualificada. Se utilizou de armas de fogo, menores, e tem o núcleo-base (Gideon, Fabrício, Carloman e Horácio). Esse crime vinha sendo planejado desde o mês de outubro (do ano passado). Marcos morava num local bonito, uma área de preservação ambiental. O que extraímos, tanto dos interrogatórios quanto dos fatos que trouxemos à investigação, é que esses indivíduos moravam no local, sabiam de todo o cotidiano da família e da venda de um imóvel de R\$ 200 mil (pertencente a Cláudia Regina, ex-mulher do sogro da Elizamar). Assim, criaram a cobiça em torno dessa terra. O Marcos não era o proprietário, e eles vislumbraram que se o eliminassem e todos os familiares dele, ninguém iria questionar a nova posse deles. A partir dali, eles fracionariam ou venderiam aquele terreno e tinham como intenção lucrar R\$ 2 milhões, e cada um desse núcleo ganharia R\$ 500 mil reais.



Edilson/BRUNO ARAÚJO

envolvidas. Caso apareçam novas pessoas, nós podemos relatar ao Ministério Público, que pode editar denúncia ou nós instauramos um novo inquérito para apurar novas condutas. Dia 26 (de janeiro) nós relatamos e fechamos a investigação do âmbito da 6ª Delegacia de Polícia (Paranoá).

Em 27 anos de carreira que o senhor tem, como descreve esse caso?

Foi um caso emblemático. Uma situação hedionda, um terror que aconteceu na capital da República. Nós, investigadores, não estamos felizes em ter encarcerado essas pessoas. Preferíamos que não acontecesse. Numa capital com 60 anos de existência, enfrentarmos uma situação como essa é muito triste. Eu recebo telefonemas de amigos de todo o Brasil que nunca vira uma situação dessa dos seus estados, os quais, por vezes, experimentam índices de violência muito maiores do que os nossos. Foram 15 dias de muita tensão para a Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF).

*Estagiário sob supervisão de Matcía Afonso

As investigações seguem em algum sentido?

Nós trabalhamos com um auto de prisão flagrante. Eles foram presos preventivamente. Tínhamos um prazo fatal de dez dias para concluir a investigação e conseguimos. Só que as medidas

cautelares foram requeridas por nós, e temos que analisá-las. Foram dados telemáticos (de comunicação), quebra de sigilo. Vamos examinar se houve saque nas contas (bancárias), se há alguma pessoa além dessas que recebeu o dinheiro, se há outras pessoas

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Cidades **Página:** 18